

SOLTEIRAS(OS) PROCURAM?

Sobre sexualidade e solteirice em Salvador*

Darlane Silva Vieira Andrade**

Resumo

O texto versa sobre práticas no campo da sexualidade de pessoas solteiras, de classe média urbana, adultas, que moram sozinhas em Salvador, a partir de dados construídos no estudo de tese sobre a temática da solteirice, realizada no PPGNEIM/UFBA. Embasado em uma epistemologia feminista e tendo o gênero como a principal categoria adotada para análise dos dados, o estudo utilizou métodos mistos a partir da realização de 3 grupos focais com 7 participantes, aplicação de questionário estruturado a 76 pessoas, entrevistas biográficas com 6 pessoas e observações de campo em espaços de lazer em Salvador. Participaram da pesquisa pessoas de ambos os sexos, hetero, homo e bissexuais, com idade variando entre 30 e 60 anos (média 38,9). O estudo colaborou para dar visibilidade às práticas no campo da sexualidade de pessoas solteiras, discutindo as possibilidades e limitações encontradas por homens e mulheres solteiros(as) em Salvador, e refletindo sobre as questões de gênero implicadas nestas práticas.

Palavras-chave: solteirice, sexualidade, relações de gênero

Abstract

The text is about practices in the field of sexuality of single adults of urban middle class, living alone in Salvador, based on data constructed in the thesis study on the subject of singleness at PPGNEIM / UFBA. Based on a feminist epistemology and having gender as the main category adopted for data analysis, the study used mixed methods, with 3 focus groups where 7 people participated, structured questionnaire applied to 76 people, biographical interviews with 6 people and field observations in leisure spaces in Salvador. The participants of the research were people of both sexes, straight, homosexual and bisexual, with ages varying between 30 and 60 years (mean 38.9). The study collaborated to give visibility to practices in the field of single people's sexuality, discussing the possibilities and limitations found by single men and women in Salvador, and reflecting on the gender issues implied in these practices.

Palavras-chave: singleness, sexuality, gender relations

* Texto escrito com base no capítulo 6, "Solteiros/as procuram? Sobre a sexualidade, avaliação da vida de solteiro/a atual e projetos para o futuro" da Tese defendida no PPGNEIM/UFBA, sob orientação da professora Dra. Maria Gabriela Hita, intitulada "A 'solteirice' em Salvador: desvelando práticas e sentidos entre adultos/as de classes médias" (ANDRADE, 2012). Utilizei trechos também com base em capítulo de livro de minha autoria – também referente a temas da Tese – para descrever a metodologia neste texto (ANDRADE, 2016).

** Integrou a primeira turma do PPGNEIM/UFBA, sendo a primeira estudante a defender a dissertação neste Programa, em 2007. Possui graduação em Psicologia e Especialização em Psicologia Conjugal e Familiar pela Faculdade Ruy Barbosa; Mestra e Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pelo PPGNEIM/UFBA; Docente do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo da UFBA e Pesquisadora do NEIM.

Apresentação

Na década de 1970, Helen Gurley Brown escreveu sobre a vida sensual da mulher solteira:

[...] as pessoas achavam que a mulher solteira não tinha uma vida sexual (a não ser aquilo que fazia em segredo quando estava sozinha-no-seu-leito-na-calada-da-noite e, como na época também mal se falava de masturbação, pode-se até mesmo dizer que a pobrezinha não tinha absolutamente nenhuma). Atualmente, desde 1962, assim como nos anos que se seguiram e até este preciso minuto, as mulheres solteiras tem tido uma vida sexual bastante ativa. (BROWN, 1972, p. 9).

Neste período, temas tabus como a masturbação, o aborto, o sexo fora do casamento, o sexo sem compromisso, dentre outras práticas, passam a sair das quatro paredes e adentrar as conversas e as práticas das mulheres¹. Esta abertura para falar da sexualidade e também para praticá-la de forma mais diversificada, perdeu ao longo do tempo e, nas últimas décadas do século XX, e agora no século XXI, a sexualidade tem sido vista também como um elemento constituinte de identidades, como parte integrante do eu, aplicado aos corpos, desejos e afetos, tendo também o corpo como portador da autoidentidade, estando interligado com decisões individuais do estilo de vida, como discute Anthony Giddens (1992).

Sobre o tema, Eliane Gonçalves (2009) aponta como a relação com o corpo e modos de expressar e vivenciar a sexualidade de forma desvinculada da reprodução, da maternidade e fora de relações maritais se configura em uma sexualidade compreendida de forma mais ampla. Em se tratando de mulheres solteiras, afirma:

‘Sexualidade’ é compreendida aqui como parte inerente das histórias narradas, que evocam noções relacionadas a um campo relativamente amplo – prazer erótico; práticas sexuais; relacionamentos em curso, antigos e ‘projetados’; conexões com o gênero, em suas formulações acerca do feminino e do masculino; reprodução ou projetos de maternidade, etc. Se a sexualidade não pode ser vista como reveladora de uma subjetividade específica das “solteiras” que moram sozinhas ou que suas práticas sexuais – ou ausência delas – lhes conferem algum sentido de identidade pessoal, ela marca um modo de ser no mundo, caracterizado em termos de maior ou menor liberdade de agir e das escolhas daí resultantes em determinado contexto histórico e cultural. (GONÇALVES, 2009, p. 198)

Desta forma, a autora discute a importância de indagar acerca dos significados e experiências da sexualidade para quem está solteira (o). Em se tratando das

¹ Com exceção do aborto, que ainda é um tema polêmico atualmente – apesar de ser muito praticado. Esta prática não é legalizada em muitos países, incluindo o Brasil: a prática ainda é criminalizada, salvo em situações de estupro, de risco de morte para a mãe e em casos de feto anencéfalo.

mulheres, afirma: “em vários sentidos, as mulheres ‘sós’ desorganizam as referências culturais dominantes em torno da sexualidade” (p.198). Isto porque a sociedade ainda se organiza em torno da norma conjugal, o que leva a leituras em torno das práticas sexuais com este parâmetro: o sexo pré-marital, marital e extramarital. Discute, ainda, como “esses sistemas de práticas referentes à organização social do parentesco e da família comporta um número, ainda que não ilimitado, de outras práticas sancionadas ou não” (GONÇALVES, 2009, p. 198) e utiliza o debate de Michel Foucault (1988) em seu estudo sobre a história da sexualidade, apontando seu caráter social, histórico, no entendimento da sexualidade compreendida como um campo onde o poder também opera.

Diversos estudos sobre o tema também consideram a sexualidade como uma experiência humana, produto de um complexo conjunto de processos sociais, históricos e biológicos, também subjetivos e simbólicos (WEEKS, 2010; SWAIN, 2004).

O debate proposto por Eliane Gonçalves (2007; 2009), assim como outras estudiosas sobre os solteiros e as solteiras (AMORIM, 1992; TAVARES, 2008; BUDGEON, 2008; TRIMBERGER, 2005; SIMPSON, 2009; REYNOLDS, 2008, e outras), se pauta, especialmente, em diversas discussões feministas que vêm sendo travadas em defesa da autonomia sobre o corpo, da liberdade de escolha e independência para realizar tais escolhas, e da crítica à obrigatoriedade de exercício da sexualidade em modelos de relações convencionais – e heteronormativas. Outro debate, de cunho sociológico, gira em torno das transformações da intimidade em sociedades mais individualizadas, democratizadas e que passam por processo de destradicionalização, que confrontam mudanças radicais incidindo sobre a forma como a sexualidade é exercida, com mais flexibilidade na busca de prazer e satisfação de formas mais diversas tendendo ao estabelecimento de relações mais horizontalizadas (BECK; BECK-GERNSHEIM, 1990; GIDDENS, 1992; BAUMAN, 2004).

As transformações na intimidade convivem com algumas permanências, que vem sido evidenciadas em estudos empíricos em países desenvolvidos (JAMIESON, 1999; 2005), também, na realidade brasileira, em uma cultura onde o “antigo” e o

“moderno” se entrelaçam (VAITSMAN, 1994; MACHADO, 2001; JABLONSKI, 1998; ARAÚJO, 2009), marcando rupturas e permanências nas práticas no âmbito da Vida Pessoal. Diante destas discussões, este texto trata de aspectos da sexualidade de mulheres e homens solteiras(os), adultas(os) que moram sozinhas(os) e que participaram do estudo da tese “A ‘solteirice’ em Salvador: desvelando práticas e sentidos entre adultos/as de classes médias” (ANDRADE, 2012).

O estudo teve como objetivo compreender o fenômeno da solteirice na contemporaneidade, especificamente em Salvador, a partir de experiências e construções de sentidos atribuídos a esta condição para homens e mulheres adultas(os), de classe média, solteiras(os) e que moram sozinhas(os) na capital baiana. A escolha pela dupla condição de ser solteira(o) e morar sozinha(o) teve em vista dialogar com a tendência de ser este um estilo de vida emergente em grandes centros urbanos em diversos países ocidentais.

No presente texto, trarei a discussão dos dados que referem às práticas de solteiras(os) no campo da sexualidade, situadas em contexto baiano. As questões em torno da sexualidade foram discutidas ao longo da tese, pois, de diversas maneiras, o sexo, o afeto, as relações de diferentes tipos, fazem parte das vivências passadas, do presente e das expectativas para o futuro das(os) participantes do estudo, mas foi no capítulo seis que as questões sobre as práticas em torno da sexualidade foram sistematizadas e este foi a base para a construção do presente texto.

Metodologia

O estudo se fundamentou em uma perspectiva analítica interdisciplinar e feminista das relações de gênero (HARAWAY, 1995; HARDING, 1998), considerando que a construção do conhecimento se dá a partir de um lugar onde não se propõe a neutralidade nem a generalização das análises sobre o produto da investigação. Assim, o encontro do sujeito e do objeto de conhecimento é reconhecido na medida em que a subjetividade faz parte do processo de “objetivação”².

² Respalhada pela epistemologia feminista do ponto de vista, construí a Tese em primeira pessoa, e me situei como uma mulher

A pesquisa feminista, sob esses moldes, reconhece que a construção do conhecimento científico é corporificada e, assim, localiza e nomeia onde estamos nas dimensões do espaço mental e físico. A objetividade científica, nesta perspectiva, é revelada, também, como algo que diz respeito à corporificação específica e particular, uma visão objetiva somente alcançada com uma perspectiva parcial, porque não se pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, mas, sim, pode-se estar em um lugar com a mobilidade de ir para outro lugar, porém, localizando-o sempre. Logo, “a objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado. [...] Desse modo, podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver” (HARAWAY, 1995, p. 21, tradução livre).

A partir de uma perspectiva feminista, a categoria gênero foi a principal utilizada para análise dos dados, observando proximidades e diferenças entre experiências de homens e mulheres na condição de solteiras(os), atentando para as relações socioafetivas e performances possíveis dentro desta condição. O uso do gênero, discutido a partir do seu conceito relacional, que inclui relações de poder (SCOTT, 1988) dialogando com o aspecto performático (BUTLER, 2003), para análise, fez-se de forma interseccionalizada com os marcadores sociais: classe social, raça/etnia³, idade/geração⁴, espaço/territórios⁵, sexualidades⁶

jovem, solteira, heterossexual, parda, de classe média morando sozinha em Salvador (nos últimos meses da pesquisa, porque compartilhava residência anteriormente), situando como este lugar me trouxe privilégios para falar do tema e também desafios; do mesmo modo, explicito as bases teóricas desde as quais o estudo se fundamentou, localizando de que modo este conhecimento foi construído” – trecho citado em capítulo de livro de minha autoria (ANDRADE, 2016, p.66)

³ O conceito de classe social aqui foi visto juntamente com o conceito de raça, visto que, em Salvador, a questão racial é importante para caracterizar a população que compõe a classe média (SOUZA; LAMOUNIER, 2010), isto porque a cidade tem maioria populacional formada por negras(os) – pretas(os) e pardas(os) –, sendo que são as(os) brancas(os), em sua maioria, que ainda ocupam as áreas geográficas (bairros) mais ricas da cidade (GARCIA, 2009).

⁴ A categoria geração é trazida no seu sentido sociológico, como um coletivo de pessoas que vivem em um específico tempo social, com idades próximas, sendo expostas aos mesmos tipos de circunstâncias (BRITTO DA MOTTA, 2005). O debate prioritário no estudo é a discussão sobre a adultez.

⁵ A noção de espaço considera que, na perspectiva sociológica, este pode ser primordialmente dado, algo concreto, mas a sua organização e o seu sentido são produtos de transformação e das experiências sociais, sendo também político e repleto de ideologias (SOJA, 1993). Ana Martinez, Juana Moya e Maria de los Angeles

(considerando as diferentes orientações sexuais e práticas sexuais), visto que a experiência, tanto pessoal como social, é complexa e, portanto, perpassada por diversos vetores que se encontram em diferentes momentos e formam um aglomerado.

A pesquisa adotou método misto (no original em inglês: *mixed methods*), escolhido como uma estratégia para chegar mais perto da realidade das pessoas que participaram do estudo. Duas são as premissas que fundamentam o uso de métodos mistos, de acordo com Jennifer Mason (2006): "a primeira é que a experiência social e as realidades vividas são multidimensionais e que nossos entendimentos ficam empobrecidos e podem ser inadequados se olharmos esses fenômenos apenas sob uma única dimensão" (p.10, tradução livre). A segunda premissa é de que "as vidas sociais (e multidimensionais) são vividas, experienciadas e enaltecidas simultaneamente em escalas macro e micro" (p.12, tradução livre). Como as ideias de macro e micro são construções científicas, elas podem ser vistas com base no próprio dualismo da ciência, para a autora, transcendido na experiência vivida e, da mesma forma, deve ser transcendido na ciência. Isto pode ser possível, considerando que os elementos são ligados com os domínios multidimensionais citados.

A construção dos dados utilizou métodos quantitativos e qualitativos, nas seguintes etapas: a primeira objetivou explorar conceitos e significados sobre a solteirice, o viver só e a solidão, a partir de três grupos focais, com a participação de quatro mulheres e três homens. A segunda etapa utilizou questionário com 54 questões fechadas e uma aberta, aplicado a 76 pessoas

Muñoz (1995), pautadas em uma perspectiva feminista, utilizam o conceito de "geografia de gênero" para mostrar como os espaços não são neutros do ponto de vista de gênero, na medida em que são ocupados de forma diferenciada por mulheres e homens. Os territórios são espaços discutidos a partir do fluxo de pessoas e as relações que se estabelecem nestes. Esta categoria foi utilizada para análise de dados sobre os espaços por onde transitam as pessoas solteiras em momentos de lazer em Salvador. Este tema, contudo, não foi explorado neste texto.

⁶ A sexualidade é compreendida desde uma perspectiva sociocultural que é lida a partir do aparato sexual, segundo Tania Swain (2004). Quanto às práticas sexuais, estas são tratadas aqui a partir das discussões contemporâneas em torno das transformações da intimidade feitas, principalmente, por teóricas(os) da tese da individualização (GIDDENS, 1992; BAUMAN, 2004; BECK; BECK-GERNSEHEIM, 1990), dialogando com a linha de discussão sobre a "Vida Pessoal" (SMART, 2007; MAY, 2011) dentro da perspectiva feminista, ou seja, considerando o contexto cultural onde estas práticas estão situadas.

(53,9 % de mulheres e 46,1 % de homens), para construir informações sobre o perfil de solteiras(os) morando sozinhas(os), de acordo com costumes de classe, páticas sexuais, redes de relacionamentos, projetos para o futuro e opiniões sobre a solteirice. Para complementar algumas informações sobre lazer e sociabilidade de solteiras(os), foram realizadas observações de campo em espaços de lazer na cidade, com registro em diários de campo. Estas observações também tiveram o propósito de fazer contato com as pessoas para participarem da pesquisa.

A terceira etapa utilizou entrevistas biográficas guiadas pela linha da vida⁷ (THOMSON, 2003; HITA, 1997), com três homens e três mulheres que tinham participado em, pelo menos, uma das fases anteriores. As entrevistas buscaram compreender os contextos que colaboraram para a atual condição de solteira(o). Por fim, a última etapa objetivou construir informações sobre a rotina de relacionamentos das(os) participantes e, para isto, diários seguidos de entrevista⁸ foram utilizados como método (ELLIOT, 1997; ZIMMERMAN; WIEDER, 1977). Eles foram aplicados em quem foi entrevistada(o) na fase anterior, com exceção de um dos homens participantes (que não devolveu o diário preenchido), tendo no total cinco diários. Os dados produzidos, considerando cada um dos métodos escolhidos, foram analisados por um viés mais qualitativo, com o intuito de dialogar com os temas principais da pesquisa.

As(os) participantes da pesquisa foram acessadas(os) através do método de "bola de neve". O perfil destas(es) (a partir dos questionários) foi: 64,5% de solteiras(os) que nunca secasaram, 35,5% eram divorciadas(os) – estando há pelo menos cinco anos sem compartilhar moradia com companheira(o) no momento em que participou do estudo. O tempo de moradia individual variou entre 1 e 30 anos, sendo a

⁷ Esta técnica consiste em fazer uma entrevista de história de vida guiada por uma linha traçada pela(o) participante em um papel em branco, onde ela(ele) destaca fatos importantes na trajetória de vida e fala sobre eles.

⁸ As(os) participantes tinham que anotar informações relacionadas aos contatos sociais mais significativos que foram feitos por elas(es) no período de uma semana: nome do contato, tipo de relação, lugar onde o contato foi feito (incluindo espaço virtual), horário e objetivo do contato. Após o período de uma semana, uma entrevista foi realizada para colher dados sobre o que foi registrado nos diários.

maioria delas(es) entre dois e cinco anos (42,5%). A idade das(os) participantes variou entre 30 e 60 anos, com média de 38,9 caracterizando um grupo de adultas(os). A pesquisa incluiu pessoas de diferentes orientações sexuais (a maioria que respondeu ao questionário, contudo, era heterossexual – 90%, mas, nos grupos focais e entrevistas, gays e lésbicas participaram de modo equilibrado). 50% das(os) participantes se considerou branca e a outra metade preta, parda e indígena.

Todas(os) elas(es) eram graduadas(os) (42,1% com título de Especialista, 14,5% com Mestrado e 14,5% com Doutorado) e trabalhavam em ocupações mais intelectualizadas (professoras(es), profissionais liberais e outras). Quanto à renda, esta variou entre três e 30 salários mínimos. Os bairros de residência eram de classe média/alta em Salvador, tais como, Pituba, Barra, Stella Maris, Rio Vermelho, entre outros. Estas características afirmam o pertencimento à classe média. Os instrumentos utilizados no estudo colaboraram de modo diferente para a captação de narrativas sobre aspectos da sexualidade: nos grupos focais, houve falas mais tímidas sobre sexo, por parte dos homens, e algumas falas reveladoras das mulheres, principalmente em torno do sexo sem compromisso; nas entrevistas biográficas, foi possível obter dados sobre o histórico dos relacionamentos amorosos, as relações atuais e expectativas para o futuro, mas foi com os questionários que alguns detalhes acerca de elementos que envolvem a sexualidade puderam ser acessados. Isto porque, com este instrumento, as pessoas tinham maior privacidade para responder questões sobre sua vida sexual, já que poderiam respondê-lo sozinhas, diferentemente da forma de participação nos grupos focais e nas entrevistas. Mas, ainda assim, registrar informações sobre a sexualidade foi embaraçoso para algumas e alguns participantes que comentavam sobre o fato de as questões tratarem de temas mais íntimos e por isso ficavam receosas(os) em participar, e por exemplo, em deixar o *email* para devolução dos resultados, mesmo tendo conhecimento do sigilo quanto a sua identidade.

As dificuldades para obter informações sobre a vida sexual de homens e mulheres são compartilhadas por

Tabela 1 – Número e percentual de respostas segundo o tipo de relação que prevaleceu no histórico de relacionamento das/os participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

outras(os) estudosas e estudiosos (JAMIESON, 1999; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006), e nela estão atravessadas questões de gênero. Em diversos momentos das análises dos dados, estas construções eram vistas, por exemplo, em opiniões de homens, nos grupos focais, a respeito de preferirem namorar a *ficar* e a se colocarem como disponíveis para o casamento, em uma situação em que eles estavam falando para mulheres solteiras. Neste sentido, vale questionar: será que se eles não estivessem em um grupo com mulheres solteiras, o discurso seria diferente? Nos questionários, a prevalência de respostas masculinas afirmando ter uma vida sexual mais ativa do que uma parte das mulheres participantes, pode também estar refletindo construções de gênero em que homens se colocam como mais ativos sexualmente do que as mulheres. Será que eles poderiam falar/expor em um contexto de pesquisa, que não têm uma vida sexual tão ativa, ou elas, que praticam o sexo com mais frequência?

Sobre a sexualidade de pessoas solteiras em salvador

Histórico do relacionamento amoroso

Sobre o **histórico de relacionamento amoroso**, as(os) participantes (n=76) informaram que vivenciaram relacionamentos variados, prevalecendo pessoas que tiveram o *namoro* como o estilo de relacionamento mais presente no passado amoroso (61,8% das respostas), seguido do *ficar* (23,7%). Uma pequena parcela do grupo de participantes teve o *morar junto* (11,8%) e o *casamento formal* – na igreja e/ou cartório – (2,7%) como relações que prevaleceram no seu passado. Quando estes números são analisados por sexo, a diferença aparece no estilo de relacionamento *morar junto*, prevalecendo as mulheres (66,7%), tendo os outros estilos relacionais, um equilíbrio entre as respostas, mostrando experiências passadas aproximadas entre os homens e as mulheres neste estudo. (Tabela 1).

RELAÇÃO PREVALECENTE	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Namoro	25	53,2	22	46,8	47	61,8
<i>Ficar</i>	9	50,0	9	50,0	18	23,7
Morar Junto	6	66,7	3	33,3	9	11,8
Casamento Formal	1	50,0	1	50,0	2	2,7
TOTAL	41	53,9	35	46,1	76	100,0

Fonte: Elaboração própria

Quando perguntado sobre a **duração da última relação estável**, nas respostas (n = 74) prevaleceram: *entre dois e cinco anos* (45,9% das respostas), seguida de relações mais curtas que duraram *até dois anos* (33,8% das respostas, se somado o tempo de *até seis meses* – 13,5% e de *sete meses a menos de dois anos* – 20,3%). Tiveram relações mais longas, com duração *de 6 a 10 anos*, 16,2% das(os) participantes e *mais de 10 anos*, 2,7%.

Ao serem analisadas por sexo, as respostas são equilibradas, diferenciando-se apenas nas seguintes relações/tempo prevalecendo as respostas das mulheres: relação com duração de *até seis meses* (60%), duração *de 7 meses a menos de dois anos* (53,3%) e em relações mais longas o tempo de duração *de 6 a 10 anos* (58,3%).

O histórico de relacionamento e o tempo de duração da última relação estável mostra o perfil das(os) participantes, formada em sua maioria por solteiras(os) que nunca se casaram e que tiveram em seu passado relações como o namoro e o *ficar*. As relações passadas tenderam a durar entre 2 e 5 anos e com relações mais curtas, que variaram de poucos meses até 2 anos, o que condiz com as práticas atuais em torno dos relacionamentos que tendem a ser efêmeros, expressando, em certo sentido, que a intensidade da relação pode ser mais valiosa do que o tempo cronológico ou que, simplesmente, a relação (seja ela intensa ou não), durou enquanto havia satisfação de estar nela para uma ou ambas as partes envolvidas, como nos “relacionamentos puros” (GIDDENS, 1992).

A dinamicidade das relações contemporâneas também desafia a pensar sobre o que é uma relação estável, tendo em vista as fragilidades dos laços (BAUMAN, 2004). Aqui considere que um “relacionamento

estável” envolve o compromisso afetivo e de fidelidade sexual que comumente existe nas relações de namoro e nas modalidades de casamento, o que vai ser diferente da relação de cunho mais transitório como o *ficar* na qual há ausência de compromisso e fidelidade. No entanto, considerando que as regras que regem as relações amorosas estão mais flexíveis na contemporaneidade, a noção de “relação estável” pode variar.

Nas entrevistas, o histórico de relações amorosas foi também retratado, não sendo possível, no entanto, estabelecer um padrão de relacionamentos de um modo geral, apenas algumas tendências. Nos seus relatos, as mulheres apontaram ter passado mais tempo namorando do que os homens. Desde que começaram a namorar, no final da adolescência, por volta dos 17, 18 anos, as entrevistadas vêm estabelecendo relacionamentos estáveis, umas com relações que duram mais de um ano, outras que duram menos.

A entrevistada que se denominou Beija-Flor⁹ (33 anos, branca, heterossexual, psicóloga, baiana) relatou como, a cada ano, tem um novo namorado, passando por intervalos que podem durar alguns meses sem namorar alguém; Mar (40 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira) experienciou relacionamentos curtos e os que duraram mais de um ano, tendo passado pela experiência do casamento e de morar junto; Ana Maria (50 anos, branca, heterossexual, historiadora, brasileira) teve, em seu histórico de relacionamento, também relações que duraram poucos meses e outras que duraram alguns anos, passando pela experiência de compartilhar a moradia com namorado por duas vezes

⁹ Os nomes originais foram substituídos por codinomes para preservar a identidades das(os) entrevistadas(os), e estes foram escolhidos pelas(os) próprias(os).

e, ainda, por um período em sua vida vivenciou uma relação homoafetiva que durou cerca de quatro anos.

No grupo dos homens, estes tiveram históricos de relacionamentos diferentes: Ricardo (49 anos, pardo, heterossexual, biólogo, baiano) relatou que teve muitas namoradas e frisava em sua fala este fato: “Tive várias namoradas, né... enfim... graças a Deus não passei aperto não”. Logan (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano) e Danilo (31 anos, pardo, homossexual, servidor público, baiano) também relataram sobre seus namoros, mas, por serem mais novos do que Ricardo (49 anos), não afirmaram que tiveram muitas experiências de namoro, prevalecendo relações mais esporádicas em suas práticas, com algumas relações mais duradouras incluindo a moradia compartilhada/casamento na vivência de Logan (35 anos).

Os informantes mencionados relatam que começaram a namorar “tarde”, já no período da faculdade, porque na adolescência priorizavam o estudo e não tinham despertado para o exercício da sexualidade desta forma. Quando se referem a “começar a namorar tarde” apontam um contraponto com a tendência dos últimos anos que indica que a vida sexual e as experiências afetivas e sexuais são iniciadas cada vez “mais cedo”¹⁰, e também a expectativa social de que os homens devem iniciar sua vida sexual mais cedo do que as mulheres.

O que foi comum no relato das relações amorosas dos homens e das mulheres foi o fato de que, em suas trajetórias, os primeiros relacionamentos foram imbuídos de expectativas e idealizações. Logan (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano, já foi casado) comenta que, na sua trajetória, havia a busca

de uma relação ideal ou de uma pessoa ideal como o mito da “Cinderela”, que representa a sua busca por alguém para construir uma história: “eu tinha o sonho da Cinderela, né... E todo mundo tem, os homens também têm esse sonho, independente de serem gays[...]De encontrar alguém que vai ser... [...] mulher da minha vida”.

No relato das mulheres entrevistadas, elas não mencionaram a “Cinderela”, mas havia algumas expectativas mais idealizadas em torno dos relacionamentos quando mais jovens ou quando adolescentes, ou estas relações se estabeleciam para atender demandas de pertencimento ao grupo de iguais, como aconteceu com Beija-Flor (33 anos, branca, heterossexual, psicóloga, baiana, já morou junto e foi noiva) que teve sua primeira relação sexual para atender a esta expectativa: “[a primeira relação sexual] foi uma coisa muito assim, eu descobri que as minhas amigas já não eram... eu era a única virgem. [...]Então foi quase uma coisa [mais] de curiosidade do que sentimento”.

Esta participante também reporta a um relacionamento que foi significativo em sua vida, apontando as características do namorado como a de um “príncipe”, dialogando com o comentário de Logan (35 anos) e refletindo o que considera ser um “homem ideal”: ter uma profissão renomada, tocar algum instrumento musical, praticar exercícios físicos e ser bonito. Segundo ela, o encontro dos dois: “Foi muito lindo... ele era um **príncipe** [...] ele tocava nos lugares... e ele é médico... **Gente!** Bonito, charmoso... ele é lindo! Gostava de correr... imagine...? (Beija-flor, 33 anos; ênfase da entrevistada nos grifos). O tema da “pessoa ideal para se relacionar”, será retomado adiante, e dialogam com tais expectativas ou ideais.

As experiências sobre os relacionamentos passados colaboram para reflexões acerca dos significados atribuídos ao sexo e às vivências relacionais que, no transcurso de práticas e construções de sentidos bem como de expectativas sobre este âmbito da vida, demarcam modos de exercício da sexualidade condizentes com as construções de estilo de vida de cada pessoa, que agora se desprendem dos ideais adolescentes, como afirma Logan (35 anos): “Porque a experiência leva a gente de certa forma a entender que

¹⁰ Sobre a iniciação sexual, no estudo realizado com 2.502 mulheres brasileiras (com idade de 15 anos ou mais), das diferentes regiões do país, Alessandra Sampaio Chacham e Mônica Maia (2004) apontam que a iniciação sexual para a maioria das entrevistadas aconteceu quando tinham idade entre 15 e 20 anos (63%), com 14% do grupo de participantes tendo a primeira relação sexual antes dos 15 anos. As autoras discutem que a iniciação sexual tende a acontecer cada vez mais cedo para mulheres mais jovens: “na faixa etária de 15 a 17 anos a média de iniciação sexual foi de 14,6 anos, enquanto entre as mulheres com 35 anos ou mais a média ficava acima de 18 anos” (2004, p. 77). Para os homens, a vida sexual tende também a ser iniciada mais cedo.

talvez esse relacionamento que a gente pensa ele não exista como a gente pensa”.

Sexo e relacionamentos atuais

Sobre as práticas sexuais atuais, foi perguntado **com quem os/as informantes fizeram sexo nos últimos 6 meses**. Esta questão foi elaborada com mais de uma alternativa de resposta, de modo que o resultado (71 casos válidos; n=100), demonstra que o sexo não foi necessariamente praticado com uma pessoa com quem se mantém algum estilo de relacionamento. Assim, as respostas foram variadas, tendo parte delas apontado que o sexo foi feito com *namorado/a* (42,3%), prevalecendo os homens, com 73,5% das respostas (quando comparadas por sexo). Em segundo lugar, com *ficante* (23,9%), ou seja, uma pessoa com quem se mantém uma relação somente com fins sexuais, prevalecendo as respostas masculinas, com 76% (quando comparadas por sexo).

O sexo com *recém-conhecido/a* somou 21,1% do total de respostas, tendo as mais próximas entre homens e mulheres, prevalecendo um pouco as masculinas (53,3%), apontando a disponibilidade de algumas mulheres para o sexo casual, diferente de outra parte das mulheres participantes do estudo que preferem fazer sexo com quem já conhece. O sexo com *amigo/a* somou 11,3% (62,5% dos homens referiram tal prática); com *ex-namorado/a*, 9,9% (prevalecendo respostas masculinas, 71,4%); e com *ex-marido/esposa*, 4,2% (também prevalecendo respostas masculinas, com 66,7%). Praticaram sexo com *amante*, 7% das(os) participantes (prevalecendo respostas femininas, com 80%); um homem (1,4% do total de participantes) referiu o sexo com *profissional do sexo*; e 19,7% do total *não fez sexo nos últimos seis meses*, uma porcentagem que corresponde a 14 mulheres¹¹.

¹¹ Sobre esta questão, fiz uma análise separando mulheres e homens em dois grupos de idades (abaixo dos 40 anos e acima dos 40 anos), tendo chamado atenção os seguintes resultados: no grupo das mulheres (n=47) as de idade abaixo dos 40 anos fizeram mais sexo com *namorado* (72,7%), *recém-conhecido* (71,4%), *amigo* (66,7%), *ex-marido* (1 mulher); e as com idade acima dos 40 anos tiveram porcentagem maior de resposta para *ficantes* (60%) e *não praticaram sexo nos últimos seis meses* (57,1%). Ambos os grupos fizeram sexo com *ex-namorado/a*. No grupo dos homens (n=53) aqueles com idade abaixo dos 40 anos praticaram sexo com as diferentes pessoas sinalizadas na questão, mais do que o grupo de homens com mais de 40 anos: *namorado/o* (78,9%), *amante* (1

Foi perguntado qual a **cor da pessoa com quem costumam fazer sexo**, mas poucas foram as respostas mostrando preferência por pessoas de uma ou outra cor. Grande parte das respostas (n=75), ou seja, 69,3%, afirmou que *a cor da outra pessoa é indiferente* para se relacionar (tendo respostas equilibradas para homens e mulheres: 50% cada). Afirmaram preferir se relacionar com pessoas brancas, 28% das respostas gerais (destas, 61,9% foram respostas femininas). Somadas as cores parda, preta e indígena têm-se 11,9% das respostas gerais, sendo estas dadas, também, em sua maioria, pelas mulheres (7 respostas femininas e 2 masculinas). Devido a grande parte das(os) participantes não ter exposto a sua preferência, esta questão pode ter um alto grau de deseabilidade social, ou seja, pode ter sido afirmado o que consideram que o(a) pesquisador(a) deseja ouvir. Ou as pessoas tiveram receio de que, se apontassem uma preferência, pudessem ser vistas como expressando um preconceito racial.

Sobre as relações sexuais, dados de pesquisa do Ministério da Saúde apontam que tem aumentado a prática do sexo eventual, no Brasil: o número de pessoas que fizeram sexo com parceiros casuais nos doze meses anteriores, passou de 4%, em 2004, para 9,3%, em 2008¹².

Estas práticas estiveram presentes nas conversas nos grupos focais onde, apesar de não ter sido discutido sobre a frequência com que todas(os) as(os) participantes realizam sexo. No momento de realização dos grupos, as(os) solteiras(os) não estavam namorando e as mulheres conversaram a respeito das relações esporádicas: elas afirmaram que podem até sentir falta de sexo por não estarem em uma relação estável, mas encontram meios para satisfazer suas necessidades neste sentido, como afirmou Gabriela (32 anos, heterossexual, branca, professora, paranaense) que, quando sente falta de sexo, esta falta é resolvida

homem), *recém-conhecido* (87,5%), *amigo/a* (60%), *ex-namorado/a* (80%), *ficante* (91,7%). As respostas foram iguais para sexo com *ex-esposa/marido* para ambos os grupos de idade, e um homem acima de 40 anos fez sexo com *profissional do sexo*.

¹² Dados postos na reportagem do jornal *Alagoas 24 Horas*, publicada em 19 de junho de 2009: “Sexo casual entre brasileiros cresce”. Disponível em: <<http://www.alagoas24horas.com.br/conteudo/?vCod=67736>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

com um telefonema para uma “p.a.”¹³, ou seja, uma pessoa com quem tem contato somente para ter relações sexuais, que pode ser traduzida como um *ficante*. Esta pessoa pode ser um ex-namorado, amigo ou outra pessoa conhecida cuja relação se estabelece somente com fins sexuais.

Em pesquisa sobre a sexualidade de mulheres solteiras, independentes financeiramente e que estavam no período do climatério, Josefa Carvalho (2003) encontrou o termo *manutenção* para se referir a este tipo de relação que as mulheres mantinham com homens, com fins sexuais, trazendo a vantagem de não ter o compromisso que é exigido no namoro. A *p.a.*, *manutenção*, também denominada *step*, foi agrupada aqui na categoria *ficante* para as respostas nos questionários. É interessante observar como as amigas e os amigos estão incluídas(os) no tipo de pessoa que se elege para transar, os chamados *amigos com direitos*, *amigos coloridos*, *amigos com benefício*, terminologias que também estão presentes nas práticas em países europeus, apontando a função das amizades na vida de solteira(o), observada em outros momentos da pesquisa como uma relação muito significativa.

As amizades como centrais nos relacionamentos têm sido observadas em estudos sobre casais do mesmo sexo, como fizeram Jeffrey Weeks, Brian Heaphy e Catherine Donovan (2001), e Katherine Davies (2011) ao explorarem o significado da amizade, discutindo a “ética da amizade” entre não-heterossexuais e incluindo alguns aspectos da amizade, como o critério de escolha de amigos(as), os diferentes tipos de amigos(as) e o elemento sexual que também se insere em relações de amizade entre não-heterossexuais, características que, neste grupo de solteiras(os) em Salvador – em sua maioria, heterossexuais – também se fez presente, apontando uma abertura maior no leque de possibilidades relacionais e sexuais.

O sexo com amigas(os) também está presente no histórico amoroso de Ana Maria (50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasileira, já morou junto), que relata, em entrevista, sobre esta prática em suas relações de amizade: “Eu tenho inclusive amigos que são amigos... outro amante [...]você consegue ter

uma relação de amizade de respeito com o homem que te trata bem e que pode também, eventualmente, ser a pessoa com quem você vai pra cama”.

Esta informante, atualmente, tem um relacionamento de amante. Ela considera que eles têm gostos e jeitos de ser muito diferentes, porque ele é conservador, no sentido de valorizar se relacionar com uma mulher que tenha o mesmo *status* social ou mais dinheiro do que ele, por exemplo, razão pela qual ela já pensou em terminar a relação, mas, no entanto, optou por continuar a manter contato com este homem porque entre eles tem nascido uma amizade e cuidado com o outro, no sentido de estarem sempre conversando sobre suas vidas e, principalmente, porque ele lhe proporciona prazer sexual.

Os relatos das mulheres mencionados exemplificam uma prática que tem sido comum entre as mulheres: o sexo sem compromisso, que pode ser exercido com recém-conhecido ou com pessoas com quem elas estabelecem algum tipo de relação de cuidado, como a relação de amizade ou alguma outra afinidade emocional que é agregada ao desejo sexual, e representa uma escolha por um tipo de relacionamento que proporcione prioritariamente o prazer sexual.

Já os homens, nos grupos focais, não falaram das suas práticas sexuais de cunho mais esporádico, afirmando que preferem namorar, a exemplo de Ricardo (49 anos, pardo, heterossexual, biólogo, baiano) que não tinha namorada quando participou dos grupos focais, mas afirmou que gostaria de ter uma, e quando foi entrevistado, estava há cerca de um ano e meio namorando. Os entrevistados Danilo (31 anos, pardo, homossexual, servidor público, baiano) afirmou que tem um paquera com quem se encontra costumeiramente, e Logan (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano), diferentes dos citados, afirma estar disponível para conhecer pessoas para relacionamentos mais rasos, vivendo o que ele chama de “solteirice absoluta” – aquela sem pretensão de ter compromisso com alguém.

As práticas discutidas neste tópico confirmam algumas rupturas no comportamento de mulheres que, sem culpa, fazem sexo esporádico, sexo com recém-conhecidos assim como a inclusão de amigos no ciclo de parcerias sexuais, o que também tem acontecido

¹³ “P.A.” é abreviação de “pica amiga” que também é um termo utilizado pelos homossexuais.

com os homens. E se as mulheres rompem com alguns comportamentos, os homens confirmam a abertura para o sexo com diferentes tipos de pessoas para além do namoro, como mostraram dados dos questionários, bem como a presença de homens que participaram da etapa qualitativa, que preferem relacionamentos mais duradouros.

Sobre amor e sexo

Em se tratando das relações sexuais, foi solicitada a opinião das(os) participantes acerca da percepção sobre a ligação entre o sexo e o sentimento de amor, para observar em que medida esta concepção tem mudado, considerando que a literatura aponta como o sexo sem compromisso começa a fazer parte das práticas relacionais atuais, o que significa também a desvinculação do sexo de algum tipo de sentimento para além da atração sexual entre as pessoas, como na prática do *ficar* (ANDRADE, 2004; CHAVES, 1997 e outras).

Na fala das mulheres que praticam sexo em relações mais eventuais, nos grupos focais e entrevistas, há a afirmação da separação entre sexo e amor, como disse Gabriela: “Eu sei que sexo é uma coisa e relacionamento é outra” (32 anos, heterossexual, branca, professora, paranaense – Grupo Focal 2).

Apesar desta afirmativa, quando perguntado, no questionário, sobre a opinião a respeito do quanto **o sexo e o amor estão interligados**, as respostas (n = 75) apontaram que homens e mulheres consideram ainda que estes são *muito ligados* (48%, com a mesma proporção de respostas para homens e mulheres); ou *completamente ligados* (22,7% das respostas gerais, sendo que as respostas femininas representaram 52,8% deste total). Consideram que sexo e amor são *medianamente ligados*, 18,7% das(os) participantes (com respostas femininas somando 57,1%) e *nada ou pouco ligados*, 10,7% (respostas femininas: 58,8%). Ou seja, algumas mulheres e homens flexibilizam a crença de que “sexo e amor têm pouca ligação”, com destaque para as mulheres terem um quantitativo maior nas respostas, comparadas por sexo. No entanto, as respostas gerais apontam que a crença maior ainda é a de que “sexo e amor são ligados”, o que não significa que esta crença seja impeditiva em relação à adoção do

sexo sem compromisso, haja vista a comum prática do *ficar* entre boa parte do grupo de participantes¹⁴.

Sexo: onde encontrar?

Apesar de os espaços de lazer nas cidades serem atrativos para solteiras e solteiros se conhecerem com fins de encontro sexual, as respostas dos questionários em relação ao **lugar onde comumente se encontra pessoas para fazer sexo** mostraram que é mais comum encontrar alguém através do ciclo de amizade do que fora deles. De acordo com as respostas gerais (n=143; 72 casos válidos), comumente se encontra pessoas para se relacionar sexualmente *através do ciclo de amigos* (21,6%, sendo que 64,5% deste foram as respostas dadas pelos homens) e este encontro pode acontecer em qualquer lugar, ou seja, *não há um lugar específico* (18,2% - com porcentagem de respostas masculinas 53,%). Alguns lugares citados também foram: *boates* (10,5% - destes, 77,8% foram respostas masculinas); *viagens* (9,8% - destes, 57,2% foi a porcentagem de respostas dadas pelos homens); *locais de trabalho e estudo* (9,1% - resposta dada por homens: 69,2%); *bares* (6,3% - resposta dada por homens 77,8%); e *sites de relacionamentos* (5,6%, tendo porcentagem de respostas dadas equilibradas entre homens e mulheres: 50% de cada). Outros locais foram mencionados: *praia* (3,5%); *shopping* (2,8%); *clubes ou organizações esportivas* (1,4%); e *internet/salas de bate-papo/redes sociais* (1,4%).

Comparando as respostas de homens e mulheres vê-se que eles referiram que comumente costumam encontrar pessoas para fazer sexo em lugares mais variados do que elas. Já algumas mulheres (14 delas) não fazem sexo quando não estão em um relacionamento estável e as que o fazem, apontaram alguns lugares onde comumente este encontro acontece.

¹⁴ A ligação sexo e amor para as mulheres neste estudo, também pode ser pensada quando, nas falas trazidas no tópico anterior, algumas delas relatam o sexo sem compromisso, mas com algum tipo de afinidade com o parceiro no sentido de que o conhece previamente – por ser amante, amigo ou ex-namorado. O sentimento pode não ser o mesmo do amor que se presume ter uma relação de namoro (ou levar a relação para um compromisso do namoro), por exemplo, mas um tipo de sentimento que talvez faça com que o sexo não seja voltado exclusivamente para o prazer sexual, apesar da relação se estabelecer preferencialmente para este fim.

A função dos grupos de amigas(os) para estabelecer contatos que possibilitem o envolvimento sexual, presente em diversos momentos ao longo das análises dos dados, aqui é reafirmada. O que as(os) participantes desta tese e também no estudo do Mestrado (ANDRADE, 2007) apontaram foi a facilidade de, no grupo de amigas(os), encontrarem pessoas com maior afinidade e também por ter a praticidade de não precisarem procurar pessoas para fazer sexo em redes de relações sociais mais distantes, como foi discutido nos grupos focais.

Frequência das relações sexuais atuais

Quando perguntado sobre a **frequência das relações sexuais atuais**, do total de respostas (n=75), 48% apontaram uma *prática semanal de sexo*, sendo grande parte das respostas dadas pelos homens (cerca de 60%). Outra parte pratica sexo *mensalmente* (16,2%), também prevalecendo respostas masculinas (72,7%). Um homem ainda afirmou que *pratica sexo todos os dias*. Afirmaram que praticam sexo de forma mais esporádica, 36% das (os) participantes (somando a prática em *momentos raros* e a alternativa *não pratiquei sexo nos últimos 6 meses*) afirmada pelas mulheres, sendo que somente um homem *raramente* pratica sexo.

Estes dados mostram que os homens participantes da pesquisa afirmaram fazerem sexo com mais frequência do que as mulheres, refletindo uma diferença de gênero importante no sentido de que, socialmente, a prática do sexo (principalmente fora do casamento) tem sido mais permitida aos homens do que às mulheres.

Considerando que a prática sexual também inclui a **masturbação**, este tema foi tratado a partir dos dados dos questionários. Segundo Michel Foucault (1988), a masturbação era considerada como símbolo de sexualidade fracassada, comumente policiada e revestida de um discurso proibido. Eliane Gonçalves (2009) assinala que era vista como “uma prática sexual ‘solitária’ que, embora prazerosa, parece menor, menos importante, menos satisfatória, porque remete à falta de um ‘outro’”. Para a autora, raramente a prática da masturbação tem sido associada à sexualidade feminina, “mesmo o feminismo da segunda onda, que

deu à sexualidade um lugar de destaque, negligenciou ou silenciou o assunto” (GONÇALVES, 2009, p. 202). Ela também aponta como o tema tem saído da margem, com o advento da sexologia, no início do século passado, e que o discurso que tem se construído em torno desta prática sexual a inclui como parte do desenvolvimento sexual e até saudável das pessoas. A masturbação tem sido recomendada por especialistas como forma de melhorar a resposta sexual (MASTERS; JOHNSON, 1984). Nas pesquisas de William Masters e Virgínia Johnson (1984) e no Relatório Kinsey (1953)¹⁵, verificou-se a existência dessas práticas em algum período da vida de homens e mulheres.

As solteiras desta pesquisa, que declararam, em uma maior porcentagem, que fazem sexo fora de relações estáveis com pessoas recém-conhecidas, se masturbam e buscam pessoas para se relacionar sexualmente em ambientes diversos, sinalizam mudanças nos comportamentos sexuais, aproximando-se dos comportamentos dos solteiros do estudo que, por sua vez apresentaram comportamentos esperados socialmente: maior atividade sexual em relações diversas, com disponibilidade para encontrar pessoas para fazer sexo em diversos lugares, tais como em diferentes espaços de lazer. Já uma parte das mulheres participantes que afirmaram que não se masturbam, não fazem sexo fora de uma relação estável e não buscam pessoas para se relacionar sexualmente em ambientes de lazer, retratam que certas convenções em torno da sexualidade ainda permanecem, apesar de todas as mudanças sociais que apontam uma maior flexibilidade nos comportamentos de gênero (JAMIESON, 1999, 2005; VAITSMAN, 1994), principalmente para as mulheres solteiras, que tendem a ser vistas como mais “liberadas sexualmente”. Elas podem estar sinalizando também significados diferentes do sexo em suas vidas, ao restringirem sua prática, negando talvez a premissa social atual de que a atividade sexual tem que ser uma constante – principalmente para as pessoas solteiras.

¹⁵ A referência a este relatório foi feita por Anthony Giddens (1992) utilizando a seguinte publicação: KINSEY, Alfred C. et al., **Sexual behavior in the human male**, Filadélfia: Saunders, 1948; **Sexual behavior in the human female**, Philadelphia: Saunders, 1953.

Expectativas em torno dos relacionamentos

Considerando que as pessoas solteiras também se relacionam afetiva e sexualmente – não desconsiderando, contudo, as pessoas assexuadas – e que muitas delas podem criar expectativas em torno das relações amorosas, perguntou-se sobre tais expectativas nos questionários e o tema também foi tratado nas conversas nos grupos focais e nas entrevistas.

Nos questionários, foi perguntado **O que pode ser atrativo para uma relação eventual e para um relacionamento estável?**¹⁶, sendo este um item importante para a vida de solteira(o), no sentido de pensar qual o tipo de pessoa que as(os) participantes buscam, já que as práticas da sexualidade perpassam a vida de solteira(o), e a busca por uma pessoa ou uma relação ideal também integram os motivos de estarem sós.

Para uma **relação eventual**, os itens considerados *importantes* foram: características psicológicas (2,6); atração física, “a química/o *feeling*” (2,47); “características sociais” (2,42), seguido de “aparência física” (1,9). Tem *pouca importância*: “ter algum sentimento (amor ou paixão)” pela pessoa (1,78); “ter independência financeira” (1,5); “ter idade próxima” (1,2); e “ser da mesma classe social” (1,5). As diferenças nas respostas aparecem na “aparência física”, considerada mais *importante* para os homens do que para as mulheres: média de respostas masculinas, 2,11, e femininas, 1,72.

E para se **relacionar de forma mais estável**, o que pode ser atrativo? Em resposta a esta pergunta, as(os) participantes consideram ser *importante*: “ter algum sentimento (amor, paixão)” pela pessoa (2,79); “características psicológicas” (2,77); “sentir atração física” (2,73); e “características sociais” (2,66). Nota-se que, aqui já aparece como *importante* a outra pessoa “ter independência financeira” (2,0). Como características *pouco importantes* foram marcadas: “a

aparência física” (1,73); “ser da mesma classe social” (1,59); e “ser da mesma localidade” (1,54). As diferenças de gênero aparecem em relação às seguintes características: “aparência física” – *importante* para os homens (2,0) e *pouco importante* para as mulheres (1,46); a outra pessoa “ter independência financeira” – *importante* para as mulheres (2,28) e *pouco importante* para os homens (1,69); “ser da mesma localidade” – *importante* para os homens (2,0) e *pouco importante* para as mulheres (1,6).

Ainda sobre opiniões em torno de uma relação estável, foi perguntado **o quanto o passado sexual ativo da outra pessoa influencia na decisão de ter com ela uma relação estável**. Boa parte do grupo de participantes apontou que o passado sexual (ativo) *não influencia* (60%), seguida de *influencia negativamente* (24%), e *influencia positivamente* (16%). Quando comparadas por sexo, uma porcentagem um pouco maior de homens considera que o passado sexual *influencia negativamente* (55,6%), sendo as respostas para *não influencia* dadas com porcentagem um pouco maior pelas mulheres (57,8%). Na resposta *influencia positivamente*, homens e mulheres têm opiniões equilibradas (50%).

Os dados sobre as expectativas em torno das relações amorosas mostram que as pessoas solteiras que participaram da pesquisa elegem critérios para escolher com quem querem se relacionar, tanto eventualmente como para uma relação estável. Para uma relação eventual, a *atração sexual*, ou seja, a *química*, o *feeling* não será estimulada somente pela *aparência física*, tal como discutem estudos sobre escolhas amorosas e conjugais (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003; FÉRES-CARNEIRO, 1997) e as discussões sobre o *ficar* (ANDRADE, 2004; CHAVES, 1997); mais importantes do que esta serão as *características psicológicas e sociais* da outra pessoa, que mostram o jeito de ser, exigindo, portanto, um maior entrosamento entre as pessoas.

Para manter uma relação estável, o nível de exigência é maior ainda, porque, além de ser importante a presença de algum *sentimento* e de *atração sexual*, somada às *características pessoais*, são consideradas também importantes a *independência financeira*, para as mulheres, a *aparência física* e *ser da mesma*

¹⁶ No instrumento quantitativo, a questão número 42 se refere às características atrativas para um relacionamento eventual; e a questão de número 43 trata das características para um relacionamento estável. Ambas tiveram as alternativas propostas para serem avaliadas quanto o grau de importância. As respostas eram dadas em escala variando de 0 – não é importante, e 3 – muito importante. Foi tirada a média dessas respostas que estão apresentadas aqui entre parênteses.

localidade, para os homens. Em estudo sobre a escolha conjugal realizado com 356 cariocas de classe média, de ambos os sexos, homo e heterossexuais, de diferentes estados civis (casados, solteiros/as, separados/as, recasados/as), Teresinha Féres-Carneiro (1997) constatou que

[...] os homens e mulheres heterossexuais valorizam as mesmas qualidades em seus parceiros, ou seja, a *fidelidade*, a *integridade*, o *carinho* e a *paixão*. Tais qualidades são igualmente valorizadas pelas mulheres homossexuais, enquanto os homens homossexuais tendem a enfatizar a importância da *atração física* e da *capacidade erótica* de seus parceiros (FÉRES-CARNEIRO, 1997, p. 15).

Outros itens investigados apontam como a *independência financeira* da outra pessoa é considerada importante para as mulheres, – como também achado na tese – principalmente para as solteiras e heterossexuais, e a *atração física*, para os homens das diferentes orientações sexuais, reafirmando algumas permanências em torno das construções de gênero quando características voltadas para o mercado de trabalho são culturalmente identificadas como masculinas e as relacionadas à beleza, femininas (FÉRES-CARNEIRO, 1997).

No estudo, como apontaram os dados, a escolha de parceiras(os) também envolve a avaliação do passado sexual da pessoa. No geral, as(os) participantes do estudo mostram rupturas em construções de gênero ao considerar que o passado sexual ativo de uma pessoa não tem influência na escolha para ter com ela uma relação estável; quando comparada por sexo, ambos consideram que influencia positivamente, mostrando, de certa forma, uma diminuição do preconceito, talvez, com mulheres com passado sexual ativo ou rompendo com a valorização da virgindade – já que, para os homens, o passado sexual ativo tem sido socialmente valorizado. No entanto, para as respostas que apontam o passado sexual ativo como uma influência negativa na escolha de parceiras(os) para uma relação estável, as respostas tiveram afirmativas masculinas, apontando algumas permanências de costumes neste sentido.

Ao discutirem sobre o que esperam das relações amorosas, nos grupos e entrevistas, o que esteve presente para quem procura um relacionamento estável e até um casamento foi a busca de que este relacionamento permita a preservação da liberdade e da privacidade, que são aspectos tão caros à vida de solteira(o). E quando o desejo de não ter um

relacionamento aparecia, era justamente este o motivo: não perder a liberdade e a privacidade. Por esta razão, um tipo de relacionamento visualizado – para quem busca um – foi, em grande medida, o casamento em casas separadas.

Nos grupos focais, Natália (41 anos, parda, heterossexual, professora, baiana nunca se casou) e Rafael (47 anos, pardo, heterossexual, empresário, baiano, nunca se casou), afirmaram a vontade de preservar sua privacidade e liberdade e que, caso se engajassem em algum relacionamento mais próximo do casamento, este seria mantido em casas separadas. Ainda nos grupos, Cristiano (31 anos, pardo, homossexual, servidor público, baiano, nunca se casou) demonstrou não ter o casamento como um projeto de vida. Já Mar (40 anos, branca heterossexual, dentista, mineira, separada), Gabriela (32 anos, branca, heterossexual, professora, paranaense, já morou junto), Simone (32 anos, branca, heterossexual, analista de RH, baiana, separada) e Ricardo (49 anos, pardo, heterossexual, biólogo, baiano, nunca se casou) querem se casar por motivos diferentes: Mar (40 anos), Simone (32 anos) e Gabriela (32 anos), por já terem vivenciado a experiência do casamento ou de morar junto, não se veem solteiras por muito tempo e sua moradia pode ser adaptada para receber um futuro parceiro: por exemplo, elas têm uma parte do armário reservado para as roupas deste futuro companheiro. O participante Ricardo (49 anos) quer se casar para ter esta experiência, porque considera que já vivenciou toda a liberdade que a vida de solteiro pôde lhe proporcionar. No entanto, quando foi entrevistado individualmente – e estava namorando – apesar de ainda afirmar querer se casar, ele não mais visualizava uma vida conjugal com moradia compartilhada. Mar (40 anos), que, nos grupos focais, demonstrou também querer compartilhar a moradia com companheiro, independente de este ser um casamento formal ou não, não demonstrou uma expectativa muito grande porque está satisfeita com a vida de solteira atual e com os paqueras que eventualmente encontra.

Outras(os) entrevistadas(os) também têm a expectativa da união conjugal. Beija-Flor (33 anos), em entrevista, relatou também buscar um relacionamento que a deixe livre emocionalmente. Ela tem desejo de casar e ter filhos, mas se deparou com relações que não sentia que

a deixava livre emocionalmente e, por isto, rompeu com namoros e noivado e continua na busca da relação que considera ideal. Ana Maria (50 anos) busca ter um namorado porque quer estar em uma relação estável. Ela, no entanto, levanta questionamentos em torno das relações amorosas que, apesar das mudanças, ainda não permitem a liberdade que as mulheres almejam, o que expressa de certo modo os anseios das(os) outras(os) participantes que apresentaram em seus discursos esta vontade de ter uma relação mais longa, mas, ao mesmo tempo, de continuarem se sentindo livres.

Ana Maria – Então, assim, como a gente pode criar novas formas de se relacionar? Eu penso muito sobre isso, porque também eu moro sozinha não é só por uma falta de opção de estar com outra pessoa não. É por uma opção de tá no mundo, né. Como é que a gente pode construir novas formas de se relacionar sem que elas aprisionem tanto a gente, inclusive nesses papéis que a gente o tempo todo tá dizendo que não dá mais? Que a gente não quer tá amarrada a eles, né. Assim, eu não quero ter um papel de tá numa relação de mulher que seja tradicional. (50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasileira, já morou junto).

A fala de Ana Maria (50 anos) reflete uma sociedade em mudança cujos valores democráticos ainda não foram totalmente alcançados, haja vista a discussão já presente, que é a da existência de “novas mulheres” para relacionamentos ainda com vestígios de antigos modelos e visões preconceituosas sobre as mulheres que têm uma postura mais “liberada sexualmente”. Contextualizando a fala de Ana Maria (50 anos), ela faz uma reflexão sobre o tipo de relacionamento que busca, tendo em vista atitudes machistas que encontrou em relações anteriores. Estas falas dialogam com uma série de discussões sociológicas no campo da intimidade e os diversos conflitos entre a busca de liberdade para garantir que escolhas pessoais sejam possíveis, e a segurança de estar em relacionamentos que possibilitem a sensação do encontro de um “porto seguro”, de um “chão para pisar” quando os vínculos se fragilizam e as tradições se esvanecem, tal como discutem Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernsheim (1990).

Para finalizar a discussão acerca da expectativa no âmbito relacional, trago o tema do **casamento** que emergiu nas conversas nos grupos focais, o que motivou a inclusão de uma questão sobre o assunto, nos questionários. As respostas mostraram grau maior

de concordância¹⁷ com a noção contemporânea de que *o casamento é um projeto de vida em comum* (média geral: 1,75) e *o resultado do amor entre duas pessoas* (média geral: 1,45), com média parecida entre as respostas de homens e mulheres. A maior discordância (com média das respostas sendo menor do que 1,0, dadas pelos homens e mulheres), ocorreu nas ideias de que *o casamento é um ideal a ser alcançado* (média geral 0,75), *uma instituição falida* (média geral 0,52), *uma exigência social* (média geral 0,89) ou que *limita a liberdade* (média geral 0,90), apontam noções contemporâneas sobre o casamento que têm sido discutidas em muitos estudos. (GIDDENS, 1992; BECK, BECK-GERNSHEIM, 1990; BAUMAN, 2004; FÉRES-CARNEIRO, 1997).

Estas respostas se diferenciaram bastante dos comentários observados nos grupos focais, que trouxeram opiniões negativas sobre o casamento, discutindo a dimensão da solteirice que se refere ao estado civil, contrapondo a solteirice com o casamento, principalmente no que tange ao aspecto da liberdade, pondo o casamento como limitante desta. Nos questionários, a visão mais flexível sobre o casamento apontou que este não necessariamente limitaria a liberdade, como sinalizado nos dados acima descritos.

Considerações Finais

A sexualidade, considerada como dimensão importante da vida de solteiras e solteiros adultos(as), no decorrer do estudo foi sendo apresentada a partir de algumas práticas, com proximidades e diferenças de gênero retratadas entre as(os) participantes da pesquisa. Ressalto que as diferenças de raça não foram destacadas nas entrevistas, talvez em função dos privilégios de classe, e que as especificidades envolvendo a orientação sexual foram vistas com mais expressividade nas etapas qualitativas do estudo, principalmente nas performances observadas em espaços de lazer na cidade, mas que não foram trazidas aqui em função da limitação do espaço. Em contexto urbano, os territórios não são somente marcados por

¹⁷ A questão sobre o tema foi elaborada de modo que as pessoas pudessem apontar o grau de concordância com afirmativas sobre o casamento, a partir de uma escala variando de 0 – *não concordo*, a 4 – *concordo plenamente*. A análise considerou a média das respostas dadas a cada categoria

gênero, mas por orientação e identidade sexual, geração, raça/etnia além da classe social, e estes são palco para a extensão da casa das pessoas solteiras que participaram do estudo – que refletem costumes de muitas outras solteiras e solteiros em Salvador

Em se tratando de uma pesquisa que tomou a classe média urbana soteropolitana como um ponto de partida, há de considerar que esta apresenta uma cultura mais intelectualizada e práticas sociais que absorvem e constroem valores que rompem com modos de viver, pensar e se comportar, apesar da convivência com tradições. Neste sentido, a possibilidade de engendrar comportamentos que permitem uma maior proximidade de gênero foi vista aqui, como nas vivências de relações sexuais esporádicas e na prática da masturbação, por exemplo. Diferenças de gênero também foram apontadas no estudo, reportando a comportamentos mais convencionais ou já esperados de homens que afirmam uma sexualidade ativa, e que se engajam em diferentes tipos de relações; e de parte do grupo de mulheres que participaram da pesquisa, que ainda vinculam sexo e afeto nas suas práticas, não fazem sexo sem estar em uma relação estável, nem se masturbam.

O estudo sobre solteirice aqui apresentado não buscou focar na busca das pessoas solteiras pelo casamento, como se fosse este o destino para as pessoas adultas, mas sim, em desvelar outras possibilidades de práticas e escolhas no campo da sexualidade em contexto urbano. A temática continua sendo abordada em pesquisas que desenvolvo no NEIM/UFBA, junto com bolsistas de Iniciação Científica, com foco nas práticas e construções de sentidos de solteiras e solteiros negros(as) e no uso de aplicativos para smartphones, com finalidade de encontro sexual. Estas serão publicadas futuramente.

Referências

- AMORIM, Nádia. **Mulher solteira**: do estigma à construção de uma nova identidade. Maceió: EDUFAL, 1992. 192 p.
- ANDRADE, Darlane Silva Vieira. Conceitos e significados acerca do estilo relacional *ficar*: uma análise de discurso entre adultos jovens. **CienteFico**, v. 3, n. 4, 2004. Disponível em: <http://www.cientefico.frb.br/2004.2/especial_tcc/esp_tccs.andrade.pdf>. Acesso em: 20 nov 2004.
- ANDRADE, Darlane Silva Vieira. **Dando voz à diversidade**: um estudo sobre pessoas solteiras em Salvador. 2007, 166f. Salvador. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- ANDRADE, Darlane Silva Vieira. **A “solteirice” em Salvador**: desvelando práticas e sentidos entre adultos/as de classes médias. 2012, 312f. Salvador. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- ANDRADE, Darlane Silva Vieira. A solteirice na vida adulta: reflexões para estudos e atuação na psicologia. In: ANDRADE, Darlane, DOS SANTOS, Helena, DENEGA, Alessa (org.) **Gênero na Psicologia**: saberes e práticas. Salvador: Conselho Regional de Psicologia da Bahia, 2016
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Gênero e família na construção de relações democráticas. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casal e família**: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 9-23.
- BROWN, Helen Gurley. **A vida sensual da mulher solteira**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editor, 2004. 192 p.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **El normal caos del amor**. Barcelona: El Roure, 1998.
- BUDGEON, Shelly. Couple culture and the production of singleness. **Sexualities**, v. 11, n. 3, p. 301-325, 2008.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.
- CHACHAM, Andressa Sampaio; MAIA, Mônica Bara. Corpo e Sexualidade da mulher brasileira. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (org.) **A mulher brasileira nos espaços públicos e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-86.
- CARVALHO, Josefa. **Sexualidade em mulheres no climatério**: grupo reflexivo com mulheres maduras, solteiras e independentes financeiramente. Monografia

(Graduação em Psicologia) – Faculdade Ruy Barbosa, Salvador, 2003.

CHAVES, Jaqueline. **Ficar com:** um novo código entre jovens. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1997. 156 p.

DAVIES, Katherine. Friendship and personal life. In: MAY, Vanessa. **Sociology of personal life.** Hampshire New York: Palgrave Macmillan, 2011. p. 72-84.

ELLIOT, Heather. The use of diaries in sociological research on health experience. **Sociological Research Online**, v. 2, n. 2, 1997. Disponível em: <<http://www.socresonline.org.uk/2/2/contents.html>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 dec. 2012.

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1.

GARCIA, Antonia. **Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais:** Salvador, cidade d'Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 544 p.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993. 228 p.

GONÇALVES, Eliane. **Vidas no singular:** noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo. Campinas, 2007, 275 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.agencia.fapesp.br/arquivos/vidas_no_singular.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2011.

GONÇALVES, Eliane. Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a “solidão” das “solteiras” na contemporaneidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 189-216, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a09.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unic>

amp.br/pagu/files/pagu05.02.pdf>. Acesso em: 18 out. 2012.

HARDING, Sandra. Existe un método feminista?. In: BARTRA, Eli (Org.). **Debates en torno a una metodología feminista.** México, D.F.: UNAM, 1998. p. 9-34.

HITA, Maria Gabriela. Esterilização e pobreza: necessidades, falta de opção ou decisão? In: COSTA, Ana Alice Alcantara; ALVES, Ivya (Org.). **Ritos, mitos e fatos:** mulher e gênero na Bahia. Salvador, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, FFCH/UFBA, 1997. p.91-101. (Coleção Bahianas, 1).

JABLONSKI, Bernardo. Crenças e credices sobre a sexualidade humana. **Psicologia teoria e pesquisa**, Brasília, v. 14, n. 3, p. 209-218, set./dez. 1998.

JAMIESON, Lynn. Intimacy transformed? **Sociology**, v. 33, n. 3, p. 477-494, August 1999. Disponível em: <<http://soc.sagepub.com/content/33/3/477.short?rss=1&ssource=mfr>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

JAMIESON, Lynn. **Intimacy:** personal relationships in modern societies. Cambridge, Polity Press, 2005.

MAGALHÃES, Andrea Seixas; FERÉS-CARNEIRO, Terezinha. Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”. In: **Segundo encontro mundial dos estados gerais da psicanálise**, Rio de Janeiro, 2003.

MARTINEZ, Ana S. Por que una Geografía de Género? In: MARTINEZ, Ana S.; MOYA, Juana, M. R.; MUÑOZ, Maria de los Ángeles D. **Mujeres, espacio y sociedad:** hacia una geografía del género. Madrid: Síntesis, 1995. p.12-21.

MASON, Jennifer. Mixing methods in a qualitatively driven way. **Qualitative Research**, v. 6, n. 1, p. 9-25, 2006. Disponível em: <<http://qrj.sagepub.com/content/6/1/9.abstract>>. Acesso em: 5 jun. 2011.

MASTERS, William H.; JOHNSON, Virgínia E. **A resposta sexual humana.** São Paulo: Rocca, 1984.

MAY, Vanessa. Introducing a sociology of personal life. In: _____. **Sociology of personal life.** Hampshire New York: Palgrave Macmillan, 2011. p. 1-8.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally. W.; FELDMAN, Ruth. D. Desenvolvimento psicossocial na adolescência. In: _____. **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

- REYNOLDS, Jill. **The single woman**: a discursive investigation. London and New York: Routledge, 2008.
- SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. In: _____. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1988. p. 28-52. [Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1993].
- SIMPSON, Roona. **Contemporary spinsterhood in Britain**: gender, partnership status and social change. 2009, 282 f. Thesis (PhD Social Science) - University of London. London, 2009. Disponível em: <http://etheses.lse.ac.uk/429/1/Simpson_Contemporary%20spinsterhood%20in%20Britain.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2016.
- SMART, Carol. **Personal life**: new directions in sociological thinking. Cambridge: Polity Press, 2007. 232 p.
- SOJA, Edward. A dialética sócio-espacial. In: _____. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 97-116
- SOUZA, Amaury de; LAMOUNIER, Bolivar. **A classe média brasileira**: ambições, valores e projetos de sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília: CNI, 2010.
- SWAIN, Tânia Navarro. O normal e o “abjeto”: a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres. **Labrys, Estudos Feministas**, n. 6, ago./dez. 2004 Disponível em: <<http://www.tanianavarroswain.com.br/labrys/labrys6/lesb/anahita.htm>>. Acesso em: 28 maio 2009.
- TAVARES, M. S. **Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compasso de gênero**: ser solteira e solteiro em Aracaju e Salvador. 389f. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <<http://www.ppgcs.ufba.br/site/db/trabalhos/2172009155251.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2012.
- THOMSON, R. When will I see you again? Strategies for interviewing over time. Paper for presentation at ‘**Reflexive methodologies**: interviewing revisited’, Helsinki Collegium for Advanced Studies, p. 30-31, October, 2003. Disponível em: <http://www.restore.ac.uk/inventingadulthoods/downloads/when_will_I_see_you.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2016.
- TRIMBERGER, E. Kay. **The new single woman**. Boston: Beacon Press, 2005. 316 p.
- VAITSMAN, Jeny. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 203 p.
- VICTORINO, Christiane Machado. **Morar só**: uma nova opção de vida. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. 122 p.
- WEEKS, Jeffrey; HEAPHY, Brian; DONOVAN, Catherine. **Same-sex intimacies**: families of choice and other life experiments. London: Routledge, 2001. 235 p.
- WEEKS, Jeffrey. **Sexuality**. London: Routledge, 2010.
- ZIMMERMAN, Don H.; WIEDER, D. Lawrence. The diary: diary-interview method. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 5, p. 479-498, 1977. Disponível em: <<http://jce.sagepub.com/content/5/4/479>>. Acesso em: 4 jul. 2012.